

LITERATURA DE CORDEL: UM CAMINHO PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO NA ESCOLA

SOARES, Flaviana Leite.

CAMPUS MATA NORTE – UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO

1. LETRAMENTO LITERÁRIO E LITERATURA DE CORDEL

A tradição poética brasileira apresenta uma variada produção, contudo, muitas vezes essa visão é limitada ao alcance de textos canônicos, a riqueza da literatura popular, a exemplo do cordel, que sempre teve um público cativo de leitores, principalmente entre as pessoas oriundas das classes mais populares, durante muito tempo foi marginalizada (de certa forma, ainda é). Neste viés, em 2006, as Orientações Curriculares para o Ensino Médio ressaltam a importância da literatura de cordel, entre outras manifestações literárias a serem abordadas no ambiente escolar.

Qual seria então o lugar do *rap*, da literatura de cordel, de letras de música e de tantos outros tipos de produções literárias, em verso, no ensino de literatura? Sem dúvida, muitos deles de importância mais acentuada, seja por transgredir, por denunciar enfim, por serem significativos dentro de determinado contexto, mas isso ainda é insuficiente se eles não tiverem suporte em si mesmo, ou seja, se não revelarem qualidade estética. (BRASIL, 2006, p. 56-57)

Este documento refere-se aos professores da educação básica para que eles realizem estudos na escola sobre textos literários de múltiplos suportes (incluindo o de expressão popular), assim como conduzi-los como mecanismos de articulação estética e o desenvolvimento do juízo crítico do aluno e sua formação como leitor. Com a intenção de comprovar o que foi enfatizado por este documento, concretizamos esta análise sobre as possibilidades de conhecimento diante das construções poéticas desse gênero da literatura popular, entre outros aspectos que certifiquem que a literatura de cordel poder ser adotada no recinto escolar como instrumento para letramento literário.

Em relação à presença da literatura de cordel nos manuais de português do Ensino Médio, Silva (2012) no artigo “A Literatura de Cordel no Livro Didático do Ensino Médio” adverte que a literatura popular nos manuais é muito ausente, por não apresentar caráter

oficial, e sendo assim, está fora da produção considerada “erudita”. Entretanto, ainda segundo Silva (2012), mesmo quando este gênero lírico da literatura popular aparece nos livros didáticos, muitas vezes limita-se a uma citação ou ilustração, ao lado de poemas canônicos, em alguns destes, sem o estabelecimento de relações de intertextualidade, valorização das qualidades estéticas e estruturais desse gênero popular, além de mesmo quando presente nos materiais de apoio do aluno e professor, acabam sofrendo alterações no texto, alterando a oralidade e coloquialidade informal, que muitas vezes são termos e expressões desconhecidos pelos autores dos livros didáticos. Para o autor (2012) o melhor método de ensino do gênero literatura de cordel deve ser nas aulas de literatura, com leituras e realização de comparações intertextuais e a observação dos aspectos comuns a linguagem e representações significativas dos universos erudito e popular, para isto é necessário respeito e preservação da memória e originalidade quando ocorrer o registro escrito, pois tais características dialogam com a origem de qualquer história literária, seja esta erudita ou popular.

Conforme Luyten (1992, p. 10) “A literatura de cordel significa a parte *impressa* e, como tal representa menos do que 1% da poesia realmente feita a nível popular”, ou seja, a poesia popular é muito ampla. Com relação ao termo “cordel”, encontramos o artigo “Cordel: uma linguagem do sentimento” de Pereira (2008, p.167) que faz referência à palavra corda, porque estes eram vendidos pendurados em barbantes (cordas ou cordéis) em ambientes de grande aglomeração como feiras na Península Ibérica. Este fato acontece também aqui no Nordeste brasileiro, principalmente nas feiras livres e mercados. Portanto, os folhetos, de tal modo chamados os cordéis pelos poetas populares e grande parte do público leitor do Nordeste brasileiro, estarem sendo chamados de “literatura de cordel”, foi difundido por estudiosos da área, que tem como explicação o modo de serem vendido tanto em Portugal como no Brasil, de forma suspensa em barbantes. Assim, Pinheiro & Lúcio (2001, p. 13): “A expressão “literatura de cordel” foi inicialmente empregada pelos estudiosos da nossa cultura com o que acontecia em terras portuguesas. Em Portugal eram chamados cordéis, os livros em papel barato, vendidos a preços baixos, pendurados em barbantes”.

Pinheiro (2008) propõe aos educadores levar a literatura de cordel para sala de aula dialogando com outras obras, mas também explorar a percepção e a expressividade intelectual dos poetas populares e qualidades estéticas e líricas dos gêneros em relação ao meio, na busca por relações comunicativas e socioculturais dos sujeitos para com a comunidade que integram.

[...] levar a literatura de cordel para sala de aula não apenas como pretexto para estudar outras disciplinas, mas pelo seu valor estético, sua dimensão lúdica, seu apelo social e tantas marcas desta modalidade da cultura popular. (PINHEIRO, 2008, p. 16).

Deste modo, o educador mediará a experiência estética dos alunos por meio da prática da oralidade e a performance da leitura da poesia popular, além da elaboração para o trabalho comparativo da literatura popular com a literatura canônica, possibilitando que nas aulas de literatura a presença da texto popular literário encontre aceitação e adeptos do mesmo modo que o tradicional..

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Partindo dos conceitos já ressaltados neste estudo sobre a importância da literatura e suas funções, assim como a introdução da literatura de cordel na sala de aula, esta etapa pretendemos comprovar a hipótese de que o cordel além da promoção do deleite, é uma atividade humana capaz de causar uma intenção transformadora diante do mundo, tanto para quem escreveu quanto para quem o lê assim como uma obra canônica.

Desta maneira, explicaremos como as obras da literatura popular “Uma viagem ao céu”, de Leandro Gomes de Barros e “Viagem a São Saruê” escrito por Manoel Camilo dos Santos podem contribuir para letramento literário na sala de aula com base nas discussões promovidas por Rildo Cosson (2011), que sugere estratégias de ensino de literatura na perspectiva do letramento literário a professores, assim como debate a relação da literatura e a educação no âmbito escolar a partir de atividades contextualizadas.

Com a sequência expandida pretendemos responder não apenas as inquietações dos professores do Ensino Médio sobre a sua aplicação para o letramento literário, como também de que forma a literatura de cordel pode contribuir para o conhecimento através da literatura para esse nível de ensino.

Acreditamos que na sequência básica se realiza a aprendizagem plena da literatura, mas porque nela se enfatiza a experiência da interpretação como construção do sentido do mundo, as outras dimensões do letramento literário terminam por ocupar um segundo plano. Essa posição secundária pode levar a um obscurecimento do lugar da literatura na escola, sobretudo aquele dado pela tradição. A sequência expandida vem deixar mais evidente as articulações que propomos entre

experiências, saber e educação literárias inscritos no horizonte desse letramento na escola. (COSSON, 2011, p. 76)

A sequência didática expandida seria um aprofundamento da sequência básica que é trabalhada por grande parte dos professores de literatura, ou seja, consiste na motivação, introdução, leitura e interpretação, essa metodologia de *aprendizagem da literatura*, normalmente, ideal para as turmas do ensino fundamental, no entanto, para uma *aprendizagem sobre literatura* foi proposta a sequência expandida visa articular o relações entre outras fontes de conhecimento com prazer da leitura de uma obra literária para a consolidação do letramento literário na escola.

Uma vez que a literatura é uma prática social, a escola tem por obrigação investir na leitura de vários sistemas até para compreender e refletir como o discurso literário articula a pluralidade da língua e da cultura. Com o objetivo de tornar o letramento literário um trabalho atual e facilitar o empenho pela leitura entre os alunos será adotada a proposta da sequência didática expandida de Cosson (2011). No entanto, adaptaremos este método, elaborado para o estudo da literatura erudita, para promover conhecimento crítico e social da literatura de cordel com turmas do 1º ano do Ensino Médio.

Iniciamos a sequência expandida do letramento literário transversalmente à literatura de cordel na escola, conforme os passos propostos por Cosson (2011): a motivação, introdução, leitura e primeira interpretação, contextualização (teórica, histórica, estilística, poética, crítica, presentificadora, temática), segunda interpretação e expansão. Assim, buscaremos explicar e ilustrar cada um deles por meios dos cordéis citados.

Para Cosson (2011, p. 79) uma estratégia de motivação é estabelecer o objetivo para o que o professor deseja trazer para os alunos em direção ao texto. No nosso caso, promover o deleite e o conhecimento do gênero da poesia popular impressa, a literatura de cordel..

O passo inicial para a *motivação* dos alunos pelo gênero é tentar conhecer as experiências literárias dos alunos sobre o gênero é um método eficaz para o envolvimento deste para com a aula, ou inserir a proposta antecipada a aula de pesquisa sobre cordéis, estabelecer na sala de aula espaço para leitura de cordéis trazidos pelos alunos, realizar questionamentos informais antes de entregar o gênero da literatura popular escolhido para abordagem no ambiente escolar, uma vez que o educador deve provocar uma discussões sobre se eles já sabem o que “cordel”, considerando o conhecimento prévio do aluno antes da realização do um estudo científico e historicista.

Ainda, para conhecer os horizontes de expectativa dos alunos sobre a leitura, realize questionamentos sobre a relação do título e da capa do cordel para com a temática que provavelmente será abordada, por exemplo: “O que leva uma pessoa a querer realizar uma viagem?”, “Que meios de transportes usamos para realizar uma viagem?” ou “O que esperamos de uma viagem?”, “Que espécies da paisagem encontramos em uma viagem?”, neste momento, os alunos farão inferências e deduções, deixarão sua criatividade fluir em face das viagens a serem realizadas através da literatura de cordel. Ainda para maior interação da turma, poderá ser elaborada uma tabela com as suposições dos próprios alunos ou eles podem exercitar a escrita no próprio caderno.

De acordo com Rildo Cosson (2011, p. 80) a *introdução* de uma obra literária com base na sequencia expandida, é muito semelhante a sequência básica, alerta os leitores para que não se transforme em longa expositiva aula sobre os aspectos biográficos do escritor que interessam a pesquisas de aprofundamento acadêmico, mas não são importantes para o desenvolvimento do processo de letramento.

É importante frisar que as informações sobre o contexto de vida do autor e da produção da obra contribuem para a compreensão de fatores que podem ter influenciado a elaboração narrativa da literatura de cordel, Joseph M. Luyten (2007) afirma que, é pertinente considerar as relações sociais envolventes na produção literária do cordel, como autor, obra e leitores.

Por tudo isso, podemos dizer, simplesmente, que a literatura de cordel, como é popular, trata dos assuntos que interessam ao povo. O que posso sugerir é que se estude a literatura de cordel a partir de seus autores. Quanto mais os conhecermos, tanto melhor conheceremos o povo - seus leitores - e os seus assuntos de que tratam. (LUYTEN, 2007, p. 50).

Assim sendo, o estudo da literatura de cordel por seus escritores, não exclui os leitores da obra, busca compreender as temáticas dos cordéis convergentes a um público apreciador da competência artísticas do poeta popular e a abordagem temática entre outros fatores que implicam no desenvolvimento de um texto literário.

Também é importante que professor proporcione aos alunos contato direto com o gênero, obra a apresentação dos elementos paratextuais que introduzem uma obra. Como o formato estrutural, características da capa e que temas são abordados pelo gênero.

Uma das coisas que mais chamam a atenção, ao observar um folheto, é a capa. Frequentemente, ela apresenta uma gravura, quase sempre um tema condizente com

o conteúdo do livreto. Com a matriz dessa gravura é de madeira o produto se chama “xilogravura”. (LUYTEN, 2007, p. 55).

Isso serviria para que os alunos reconheçam que os folhetos produzidos no Nordeste do Brasil possuem uma estruturação praticamente padronizada, estes impressos em papel tipo jornal, onde estava escrito a parte da narrativa poética popular e com um papel um pouco melhor, de cores diferentes do conteúdo narrado poeticamente. O título e a imagem eram feitos na própria xilogravura, a explicação da técnica artística também é indispensável para a caracterização do gênero, com o tema talhado na madeira antes de ser impresso por métodos manuais eram feitas as capas dos folhetos.

Após esta etapa, o professor pode dá início aos trabalhado com a microanálise de recursos expressivos dos cordéis como a vocabulário popular (palavras e expressões), estrutura composicional do texto, (estrofes, versos, escanção, métrica) figuras de linguagem (metáforas, antíteses, paradoxos, hipérboles...) ritmo da leitura para o gênero, e as intervenções eficientes na formação de leitor aluno, para isso a leitura oral é de extrema importância.

Na questão da *leitura*, Cosson (2011, p. 83) disserta que é papel da escola procurar ampliar as relações do aluno com o literário mediando diálogos entre o texto abordado e outros gêneros. Para darmos ainda mais ênfase ao deleite da literatura popular nordestina, indicamos a introdução da poesias popular, repentes e emboladas de coco.

Tendo em vista certificar-se da *primeira interpretação* sobre a apreensão global da leitura dos cordéis “Uma viagem ao céu” e “Viagem a São Saruê”, o professor deve solicitar uma produção escrita e individualizada, sugerimos um ensaio dos alunos para que estes transmitam as impressões sobre sua primeira leitura. No entanto esse ensaio deve ser baseado no roteiro de entrevistas elaboradas pelo próprios alunos com base em suas indagações realizadas um para com outro aluno.

É antes a compreensão que se busca entrever na apreciação feita pelo aluno, ou seja, o valor do texto do aluno está na capacidade de compreender a obra e não em julgá-la de modo crítico, embora as compreensões mais profundas não deixem de ser intensamente críticas. (COSSON, 2011, p. 85)

O objetivo desta atividade é reconhecer o impacto da obra para o leitor, e que este expresse o que sentiu no momento da leitura física, por isso o aluno deve se experimentar a liberdade para que elabore suas próprias conclusões sobre o textos literários lidos. Uma vez

que quanto mais as leituras forem individuais maior será o enriquecimento da turma. Essa exercício tem como finalidade ressaltar para o aluno, o valor que sua leitura tem dentro do processo de letramento.

Com a intenção de apresentar um caminho diferente do tradicional que limita o contexto de uma obra literária a uma aula sobre história, Cosson (2011) afirma que existe diversos contextos para serem abordados na obra literária e destaca os sete principais como: teórica, histórica, estilística, poética, crítica, presentificadora e temática, aos quais nos basearemos para a realização de uma leitura explícita dos folhetos de cordéis que promova o letramento literário. Indicamos como atividade a realização de seminários onde os alunos em grupos apresentaram o resultados de suas pesquisas sobre os contextos que influenciam a produção dos cordéis.

Convém para a *contextualização teórica* procura tornar explícitas as ideias que sustentam ou estão encenadas na obra, Cosson (2011, p. 86) sinaliza que “não se trata, porém, de fazer histórias das ideias a partir do texto literário, mas sim de verificar como em certos determinados conceitos são fundamentais.” Deste modo, sugerimos uma pesquisa sobre a influência da religiosidade do nordeste presente nos cordéis “Uma viagem ao céu” de Leandro Gomes de Barros e “Viagem a São Saurê” de Manoel Camilo dos Santos” e como esses aspectos estão presentes na vidas das pessoas destas região por meio manifestações culturais como festejos e hábitos populares.

Já a *contextualização histórica* para Cosson (2011, p. 86) visa relacionar a obra ao momento de sua publicação e a sociedade da época, nos limitaremos a conhecer um pouco mais sobre, o porquê da denominação “literatura de cordel”, a bibliografia dos escritores e como eram as condições de publicação da época dos cordéis no período em que a publicaram e o perfil dos leitores.

Assim como Cosson (2011, p. 87) disserta que a *contextualização estilística* deve buscar um diálogo entre a obra e o período de sua publicação mostrando como um contribui ao outro. Então, propomos conhecer um pouco mais sobre a funcionalidade comunicativa da literatura de cordel na época em que este forma publicados enfatizando a preferência dos poetas populares por alguns temas comuns, entre estes: ícones religiosos como Padre Cícero, Frei Damião; heróis do povo do sertão como Lampião, Antônio Silvino, e fatos típicos da vida dos maiores dos leitores nordestinos, os agricultores ou moradores da zona rural, apresentação jocosa de algumas ações diferenciadas do cotidiano nordestino e informações baseando em outros cordéis publicados entre 190?- 195?.

Enquanto *contextualização poética*, Cosson (2011, p. 87) dirige-se sobre o tradicional dos estudos literário, ou seja a análise da composição da obra. Com base na análise literária clássica, ou seja em termos macro como os gênero, neste caso a estrutura do gênero cordel (capa, estrofes, versos, incluindo o diálogo intersemiótico com a capa) e micro como a elaboração da linguagem, personagens, o narrador e as demais categorias narrativas, pois a literatura de cordel é uma “poesia narrativa popular impressa”, narrativa através de versos como as epóeias clássicas (CANTEL apud Lopes, 1983, p. 13).

Entre dados estruturais relevantes sobre o cordéis, de acordo com Sobrinho (2003, p. 39) “Uma viagem ao céu”, é um cordel em sextilha, por possuir seis versos em cada uma das 28 estrofes, estes com sete sílabas poéticas, ou seja, heptassílabos, cujas sequências de rimas finais são (a-b-c-b-d-b). As rimas se encontram no 2º, 4º e 6º verso, respectivamente.

Uma vez eu era pobre -a
 Vivía sempre atrasado -b
 Botei um negócio bom -c
 Porém vendi-o fiado -b
 Um dia emprestei -d
 O livro do apurado. -b
 (BARROS, 2010, p. 1)

Também de acordo com Sobrinho (2003, p. 39) em relação as características composicionais do folheto de cordel “Viagem a São Saruê”, é muito semelhante a “Uma Viagem ao céu” constituído 32 estrofes em sextilhas formadas por redondilha maior (sete sílabas métricas), com rimas finais estruturadas em (a-b-c-b-d-b), encontradas no 2º, 4º e 6º verso, respectivamente.

Doutor mestre pensamento -a
 Me disse um dia: - Você -b
 Camilo vá visitar -c
 O país São Saurê -b
 Pois é o lugar melhor -d
 Que nesse mundo se vê. -b
 (SANTOS, p. 1)

É importante frisar que ambos os cordéis enquadram-se na classificação temática de histórias de inspiração popular, de acordo com Sobrinho (2003, 110), uma vez que

encontramos aspectos fantasiosos na narrativa popular com viajar até o céu/ ou utópico país de São Saruê/ ou até mesmo ao purgatório. As descrições imaginárias dos lugares descritos nos dois folhetos apresentam uma dimensão irreal, construída no imaginário do eu poético.

Deu-me dez pés de dinheiro
 Alguns querendo brotar
 Filhos de queijo do reino
 Já querendo safrejar
 Uns caroços de brilhantes
 Pra eu na terra plantar.
 (BARROS, 2010, p. 5).

Lá eu vi rios de leite
 Barreiras de carne assada
 Lagoas de mel de abelha
 Atoleiros de coalhada
 Açudes de vinho do porto
 Montes de carne assada.
 (SANTOS, 195?, p. 4)

A microanálise dos folhetos de cordéis pode ser iniciada a partir da identificação dos personagens e do foco narrativo presentes nas estrofes da narrativa popular impressa.

Me disse a alma: eu aceito
 E lhe agradeço eternamente
 Moro no céu, porém lá
 Inda não entra aguardente
 São Pedro inda plantou cana
 Porém perdeu a semente.
 (BARROS, 2010, p. 2)

Doutor mestre pensamento
 Me disse um dia: - Você
 Camilo vá visitar
 O país SÃO SARUÊ
 Pois é o lugar melhor
 Que nesse mundo se vê.
 (SANTOS, 195?, p.1)

Em “Uma viagem ao céu” e em “ Viagem a São Saruê” possuem narrador homodiégetico, que relata e é protagonista da história, além do discurso direto, ao narrar ao seu modo de ver e vivenciar as façanhas dessas viagens, também relata as prováveis respostas e questionamentos dos principais personagens da narrativa. Em “ Uma Viagem ao céu” a alma, São Pedro e a sogra. Já em “Viagem a São Saruê”, encontramos entre os personagens apenas o próprio Camilo e o elemento inanimado, o Dr. mestre pensamento é personificado.

Em Cosson (2011, p. 88) a *contextualização crítica* é, “assim, a análise de outras leituras que tem por objetivos contribuir para a ampliação do horizonte de leitura da turma.” Neste viés, propomos elaboração de um painel com informações de estudiosos sobre a literatura de cordel na contemporaneidade e a socialização dos conhecimentos que julgamos mais interessantes sobre o gênero e sua funcionalidade comunicativa. Uma vez que a acessibilidade destes dados irá pôr em contraste, as informações anteriores com as realizadas pelas pesquisas acadêmicas recentes.

Por ser uma prática usual nas aulas de literatura do Ensino Médio para despertar o interesse do aluno pela obra, a *contextualização presentificadora* chama a atenção do aluno para acontecimentos do presente que são abordados na obra, é apesar do tempo de sua publicação, são vivenciadas pela sociedade atual. Sugerimos, até por uma questão didática sobre os valores humanos e reflexões sobre as relações dos jovens com a família, presente na décima terceira estrofe de “ Uma Viagem ao céu”.

São Pedro ai perguntou:
 O mundo lá como vai?
 Eu ai disse: meu santo
 Lá filho rouba o pai
 Está se vendo que o mundo
 Por cima do povo cai.”
 Barros (2010, p. 4)

Espera-se que os alunos elaborem uma análise sobre a postura dos jovens e as constituição familiar da sociedade atual, onde os vínculos familiares está sendo destruídos por diversos motivos, entre estes ganância como o caso de filhos que matam os próprios pais por motivos inexplicáveis, assim a questão do envolvimento com drogas e desestruturação familiar permite a quebras dos laços afetivos entre pais e filhos no mundo contemporâneo.

Por último, a *contextualização temática*, no caso de ambos os cordéis, “a fuga da triste realidade do Nordeste brasileiro em face de suas desigualdades sociais, porém em ambas

as obras existe um retorno para o lugar de origem dos personagens, isso ocorre de maneira muito afetiva, pois mesmo depois de terem encontrado uma terra farta, a saudade da terra natal é ainda maior. Ainda nesta contextualização Cosson (2011, p. 90) destaca que “não pode entreter-se apenas com o tema em si, mas sim com a repercussão dele dentro da obra.” Busca-se o tornar o tema campo de interesse dos alunos, podemos solicitar que um docente de outra disciplina, neste caso, aconselhamos pedir a contribuição do professor de geografia, que aborde a questão da seca no nordeste brasileiro. Com isso, os alunos se sentiram estimulados na realização de uma pesquisa as políticas governamentais que estão sendo desenvolvidas no nordeste brasileiro para que as pessoas possam viver com qualidade nas localidades onde nasceram, como por exemplo a transposição do Rio São Francisco.

Em continuidade, a realização da *segunda leitura* solicitamos a realização de um trabalho escrito, pode ser a apresentação de um painel com um resumo elaborado pelos mesmos grupos que realizaram o seminário com um resumo de todas as apresentação, pois deste modo o educador poderá perceber crescimento de todos os alunos como comunidade de leitores. Cosson (2011, p. 94) adverte que “o aprofundamento que se busca realizar na segunda interpretação deve resultar em um saber coletivo que une a turma em um mesmo horizonte de leitura.

Com a conclusão da segunda interpretação, podemos dá início a *expansão* dos cordéis e investir em outras relações textuais. De acordo com Cosson (2011, p. 94) a expansão é o “movimento de ultrapassagem do limite de um texto para outros textos, visto como extrapolação dentro do processo de leitura, que é visto como intertextualidade no campo literário”.

No caso dos dois cordéis, anseia-se que os alunos quando questionados pelo professor sobre qual outro livro existe a busca pelo paraíso, realizem proposições direcionadas ao desejo de encontrar a terra prometida, através da presença da intertextualidade do cordel com o livro sagrado, evidenciando a interdisciplinaridade entre os textos. Em Isaías (cap. 54, v. 12; e cap. 55, v. 1), respectivamente, o profeta orienta para a necessidade do povo de Israel abandonar o exílio e retornar à terra prometida, como também descreve o que os aguarda quando tornarem:

Farei os teus baluartes de rubi, as tuas portas de carbúnculos, e toda a tua muralha de pedras preciosas [...] Ah! Todos vós os que tendes sedes, vinde às águas e vós os que não tendes dinheiro, vinde e comprai, sem dinheiro e sem preço vinho e leite.

É importante frisar que o sincretismo religioso é muito influente na região Nordeste e como o povo de Israel as pessoas desta região convivem com o sofrimento e privações que tanto os martirizam, e buscam o encontro com a felicidade, prazer e abundância tal qual descrita na bíblia são descritas em ambos os folhetos estudados.

Vi na horta de São Pedro
 Arvoredos bem criados
 Tinha pés de plantações
 Que estavam carregados
 Pés de libras esterlinas
 Que já estavam deitados.
 (BARROS. 2010, p. 5)

Tudo quanto é bom, belo e bonito,
 Parece um lugar santo e bendito,
 Ou jardim da divina natureza:
 Imita muito bem pela grandeza
 A terra da antiga promessa
 Para onde Moisés e Aarão
 Conduziam o povo de Israel
 Onde diziam que corriam leite e mel
 E caía manjar do céu no chão.
 (SANTOS. 1956, p.8)

O êxodo rural nordestino em busca de melhores condições teve como auge da o ano 1877 e como maior destino a Amazônia, para se tornarem soldados do látex, ou Republica Oligárquica do Brasil onde se estabelecia a industrialização. A procura “lugares fartos” foi o destino da migração popular durante a seca no início do século XX, inspirou escritores canônicos brasileiros como Raquel (1930) “O Quinze”, Ariano Suassuna “O Auto da Compadecida”(1955), João Cabral de Melo Neto em “Morte e vida, Severina” (1955), entre outros, assim como motivação para o paraíso utópico do poeta popular Leandro Gomes de Barros na literatura de cordel “ Uma viagem ao céu”.

A partir destas informações, podemos propor aos alunos que procurem na obra “Uma viagem ao céu” do poeta popular Leandro Gomes de Barros trechos que comprovem a necessidade de buscar um lugar melhor para viver.

Lira (2008) em sua tese de mestrado para UFCG, “Cordel na comunidade: formando leitores entre o riso, o silêncio e o encantamento” enaltecer a relação por semelhança entre “Uma viagem ao céu” e “Viagem a São Saurê”, com viagens fantásticas da literatura universal a “Odisséia” e “Viagens de Gulliver”, escrita por Jonathan Swift, “Histórias das mil e uma noites”, onde Sherazade garante-a a sobrevivência pela arte de relatar contos, e do mesmo modo a literatura de cordel, permitem a visita a universos onde a criação do fantástico é uma fuga para a infelicidade e desigualdades sociais presente na sociedade.

Em relação as atividades propostas ressaltamos que estas podem ser ampliadas, divididas, reconfiguradas de acordo com o trabalho realizado. Uma vez que este estudo é apenas a reunião de sugestões para que o educador não se limite a tornar a introdução da literatura de cordel uma atividade escolar destinada a preencher o tempo e cumprir planejamentos recomendados pelo governo, mas que transforme esta abordagem em um instrumento para ampliar o horizonte de leitura dos educandos de forma consciente e consistente com os objetivos do letramento literário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na busca pela efetivação do Letramento Literário na escola vinculamos a proposta de Rildo Cosson (2011) sobre sequência didática expandida para o estudo de obras eruditas na abordagem da literatura de cordel como fonte de conhecimento, prazer, cultura e instrumento para a formação de leitores.

Neste percurso revisamos a teoria do letramento literário, destacamos a importância da literatura de cordel para o letramento literário na escola e apresentamos sugestões para a análise dos folhetos de cordéis “Viagem ao céu” (anterior a 1912), “Viagem a São Saruê” (anterior a 1950) por meio de atividades envolvendo a funcionalidade comunicativa do gênero e enriquecimento intelectual dos alunos através da experiência estética na sala de aula como foi enfatizado pelo PCNEM e Orientações Curriculares para o Ensino Médio.

Entretanto, alertamos o docente para ter realmente o conhecimento do gênero literatura de cordel e sua funcionalidade comunicativa e social, assim como de qualquer livro trabalhado em sala de aula, para que este não passe por constrangimento se questionado por alguma inquietação dos alunos quanto a narrativa lida entre outras características que estruturam este gênero da literatura popular.

Para finalizar, esperamos ter respondido às inquietações dos professores do Ensino Médio sobre a aplicação da sequência didática expandida para o letramento literário através da literatura de cordel no Ensino Médio e justificar que os folhetos de cordel são capazes de promover a ruptura com os limites do espaço e tempo pela experiência estética e de informação para o leitor crítico e autônomo, em face da multiplicidade de linguagem literária, fruição estética e crítica literária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Cristina. Literatura de Cordel na sala de aula: a multiplicidade da linguagem literária, fruição estética e crítica literária. In. BELO, Roberto (Org.) **Literatura de Cordel: a cultura popular em movimento**. Recife: Ed. Coqueiro. 2012. p. 13- 21.
- BARROS, Leandro Gomes. **Uma viagem ao céu**. Timbaúba: Folhetaria Cordel, 2010.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: STBR, 1995.
- BRASIL, MEC. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/idb.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2013.
- BRASIL. MEC. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Linguagens Código e suas Tecnologias**. Brasília: MEC, 2006.
- BRASIL, MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Linguagens Códigos e suas Tecnologias**. Brasília: MEC, 1998.
- BRASIL, MEC. **PCN+ Ensino Médio, 1998**.
- BRASIL, MEC. **PCN+ Ensino Médio: Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Brasília: MEC, 2002.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 7. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1985.
- _____. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul. São Paulo: Duas Cidades, 2004.
- COENGA, Rosemar. **Leitura e Letramento Literário Diálogos**. Curitiba- MT: Carlini & Canisto, 2010
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2. ed. 1ª impressão. São Paulo: Contexto, 2011.

- ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: LIMA, Luiz Costa. (Coord.). **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001. p.83-132.
- JAUSS, Hans Robert. A estética da recepção: colocações gerais. In: LIMA, Luiz Costa. (Coord.). **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, p. 67-84.
- LIRA, Janaína da Conceição Jerônimo. **Cordel na comunidade: formando leitores entre o riso, o silêncio e o encantamento**. Dissertação de Mestrado em Linguagem e Ensino. Campina Grande: UFCG, 2008.
- LOPES, José de Ribamar (Org.). **Literatura de Cordel: Antologia**. 2. ed. Fortaleza: BNB, 1983.
- LUYTEN, Joseph. **O que é literatura de cordel**. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- LUYTEN, Joseph M. **O que é literatura popular**. 5. ed. Pinheiros/SP: Brasiliense, 1992.
- PEREIRA, Margarida. Cordel: uma linguagem do sentimento. In: SILVA, Ivanda Maria Martins e ALMEIDA, Maria do Socorro Pereira de. (Orgs.). **Literatura: alinhavando ideias, tecendo frases, construindo textos**. Recife: Baraúna, 2008. p. 167-182.
- PINHEIRO, Hélder. & LÚCIO, Ana Cristina Marinho. **Cordel na sala de aula**. São Paulo: Duas Cidades, 2001.
- PINHEIRO, Hélder. Leitura popular e ensino: leituras, atitudes e procedimentos. In: _____. [et al]. **Literatura e formação de leitores**. Campina Grande: Bagagem, 2008. p.15-27.
- Afonso. **O Universo do Cordel**. Recife: Ministério da Cultura, 2008. p. 31-42.
- SANTOS, Manoel Camilo dos. **Viagem a São Saruê**. Campina Grande. Ed. Estrela da Poesia. 195?.
- SILVA, Josivaldo Custódio. A Literatura de Cordel no livro didático do ensino médio. In: BELO, Roberto (Org). **Literatura de Cordel: a cultura popular em movimento – Recife**: Ed. Coqueiro. 2012, p. 23-44.
- SOBRINHO, José Alves. **Cantadores, repentistas e poetas populares**. Campina Grande: Bagagem, 2003.